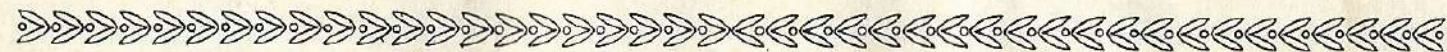


Condensações de artigos de interesse permanente

Copyright © 1962 da Editora Ypiranga S.A.



Vinte e Sete Metros Para a Liberdade

Desde que foi levantado o Muro em Berlim, em agosto de 1961, pequenos grupos de habitantes da Alemanha Oriental, desesperadamente decididos, vêm tentando todos os meios de fuga. Alguns pularam das janelas de prédios situados na fronteira. Outros jogaram caminhões contra as barricadas. Um grupo assaltou um trem, outro se apoderou de um vapor do canal. Alguns arrastaram-se por dentro dos esgotos . . . até que êstes foram fechados.

No dia 24 de janeiro de 1962, 28 refugiados chegaram a Berlim Ocidental, depois de se arrastarem através de um túnel que cinco dêles haviam cavado. Animados por êsse sucesso, outros bravos grupos começaram a escavar por baixo do Muro, apesar das rigorosas medidas de segurança tomadas pela polícia da fronteira. Alguns foram descobertos e presos. Outros tiveram êxito e, em fins de julho, cêrca de 100 homens, mulheres e crianças se haviam livrado do jugo comunista graças a atividades literalmente "subterrâneas".

Eis a história do túnel de janeiro, que foi o primeiro e pelo qual fugiu o maior grupo até agora. É um drama de empolgante emoção e uma prova eloqüente da irreprimível paixão do homem pela liberdade.

WILLIAM A. H. BIRNIE

A CASA da família Becker é como centenas de outras residências através da Alemanha Oriental e Ocidental. Suas paredes de estuque de dois andares assentam vigorosamente

sob um compacto e pontudo telhado vermelho. A casa, com seu jardimzinho e uma pequena horta, onde há cinco ou seis pequenas árvores frutíferas, respira solidez, frugalidade e

fortes laços de família. Chama a atenção um pombal cônico no alto do telhado, mas o que realmente distingue a casa da família Becker é a sua localização.

Fica no tranqüilo subúrbio de Glienicke, em Berlim Oriental, precisamente na fronteira que separa o Oriente do Ocidente, a tirania da liberdade. A apenas 30 metros dos fundos da casa fica o subúrbio de Frohnau, no setor francês de Berlim Ocidental. Mas de permeio está o Muro—formado nesse ponto de quatro filas de arame farpado e uma cêrca de estacas—sob o patrulhamento constante dos homens bem armados da *Volkspolizei* (Polícia do Povo), comumente chamados Vopos.

Na tarde de segunda-feira, 18 de dezembro de 1961, Erwin e Guenther, dois filhos da família Becker, chegaram juntos do trabalho. No instante em que abriram a porta da rua, ouviram um ruído surdo de batidas vindas do porão. Desceram para ver o que havia—pois qualquer coisa fora do comum produz nervosismo na inquieta Berlim Oriental—e encontraram Bruno, seu louro e bem parecido irmão, atacando as paredes do porão com martelo e talhadeira. Não foi preciso perguntar-lhe o que fazia.

Bruno voltou os olhos para êles e limpou o pó de pedra da frente suarenta.

—Vocês devem achar que estou maluco—disse.—Mas eu sei o que estou fazendo. Êsse maldito muro fica de dia para dia mais comprido e

mais alto. Abrir um túnel por aqui é nossa única esperança.

—Claro—disse Guenther, com voz tocada de sarcasmo.—Há quanto tempo está trabalhando aí?

—Cêrca de três horas.

—E veja o que já conseguiu!— tornou Guenther apontando para a parede, cuja superfície de duros tijolos vidrados mal fora arranhada.

—Venha, Bruno—disse Erwin.— Vamos tomar um pouco de cerveja lá em cima e conversar calmamente sôbre isso.

Subiram os três para a cozinha, onde Bruno continuou a defender a idéia do túnel.

—Lembrem-se do que aconteceu quando quisemos passar pelo arame farpado?—perguntou êle tristemente.

Decerto que se lembravam. Não havia mais de um mês que haviam tentado em vão fugir para o outro lado. Naquela noite, às 21 h e 30 m, apagaram tôdas as luzes para que as patrulhas pensassem que todos estavam na cama. Ficaram então sentados na escuridão, à espera. Não sabiam que as patrulhas tinham sido reforçadas porque, perto dali, algumas pessoas haviam fugido vários dias antes. Sabiam apenas que os Vopos, com cães-polícias que rosnavam ao menor ruído suspeito, passavam com desoladora freqüência. Ainda estavam à espera quando raiou a madrugada.

Depois dêsse insucesso, Bruno falara em abrir um túnel. Mas Erwin discordou e, naquele momento, na



cozinha da casa, repetia os seus argumentos:

—Veja bem, Bruno. Se conseguirmos abrir caminho pelo arame farpado, a maioria conseguirá passar, ainda que um ou dois sejam presos ou levem tiros. Que oportunidade teremos com um túnel? Os Vopos sem dúvida nos ouvirão cavar. Seremos todos levados para a prisão ou sofreremos coisa pior, com os nossos amigos que souberem do túnel e decerto muitos outros que não souberem.

Bruno voltou sem muito entusiasmo a concordar com o irmão no sen-

tido de fazerem mais uma tentativa de passar através do arame farpado. Marcaram o tempo para a primeira oportunidade que se oferecesse depois do Ano Nôvo.

“Não Pode Passar”

Os BECKERS nunca se haviam interessado pela política. Nada mais desejavam dos políticos senão que os deixassem em paz. Mas depois de aprisionados pelo Muro, juntamente com mais de milhão de habitantes de Berlim Oriental a 13 de agosto de 1961, tinham os nervos tensos a tal

ponto que, no seu desespero, preferiam arriscar a vida a permanecer sob o regime comunista asfixiante e infestado de espiões.

Frau Clara Becker, de 53 anos, esbelta e graciosa, com um sorriso calmo, ficara viúva com seis filhos, quando o marido morrera em 1945 num campo russo de prisioneiros de guerra. Depois de libertada de um campo de refugiados em 1947, fôra ter com os filhos em Glienicke.

Não fôra fácil a vida, mas haviam-se arrumado. Um tio que vivia nos Estados Unidos mandara dinheiro e pacotes de mantimentos até que morrera em 1955.

Em 1950 a família se mudara para a casa da fronteira. Os três filhos mais moços completaram o seu período escolar e empregaram-se. (Arnold, o mais velho, fôra viver com um irmão de Frau Becker em Dortmund, na Alemanha Ocidental.) Em 1961, Erwin, de 27 anos, ganhava um salário acima da média como motorista do presidente da Academia de Arte de Berlim Oriental. Bruno, de 21 anos, ganhava bem a vida como electricista, e seu irmão gêmeo, Guenther, também ganhava satisfatoriamente como encanador.

A filha mais velha, Gerda, de 22 anos, ia todos os dias a Berlim Ocidental, onde ganhava bem como cabeleireira. A exuberante Christel, de 18 anos, era aprendiz de vendedora.

Era uma família laboriosa e otimista, cuja casa se tornara uma espécie de centro social para a gente môça da vizinhança.

—Não era o paraíso—diz atualmente Frau Becker.—Mas não era de todo mau. Podíamos a qualquer momento ir para Berlim Ocidental tôda cheia de luzes.

Mas veio o Muro e o mundo dos Beckers se fechou.

Na manhã de segunda-feira, 14 de agosto de 1961, Gerda, como de costume, saiu para Berlim Ocidental. Meia hora depois voltou para casa.

—Os Vopos fizeram-me parar. Disseram que não posso passar.

—E seu emprêgo?

—Disseram-me que não pensasse mais, *nunca mais*, em passar para lá. Disseram que somos todos agora porta-estandartes da Democracia Popular. Disseram...

A voz se lhe embargou e a mãe passou o braço pelo ombro dela.

—Não se preocupe, Gerda. Daqui a dois ou três dias tudo voltará ao normal.

Mas no dia seguinte os Vopos e os "voluntários" das fábricas chegaram em tropel pela Oranienburger Chaussee, estrada que passava pela casa da família Becker, acompanhados de caminhões carregados de grandes rolos de arame farpado. Os Vopos desenrolaram quilômetros e mais quilômetros dos hediondos arames, prolongando o muro da prisão da Porta de Brandeburgo até ao sossegado subúrbiozinho de Glienicke e muito além.

À Sombra do Muro

A VIDA atrás do Muro passou a ser uma série de pequenas crises. Gerda

conseguiu empregar-se como cabeleireira num salão de Berlim Oriental, mas o nôvo ordenado não chegava para comprar nem a metade do que era possível com o que ganhava antes em Berlim Ocidental. Além disso, o proprietário de salão, seguindo a linha do partido, fazia com que o resto do pessoal a hostilizasse por ter sido uma "*Grenzgänger*", isto é, uma pessoa que atravessava a fronteira. Os comunistas espalhavam a opinião de que quem trabalhara em Berlim Ocidental provavelmente se deixara infeccionar pela "decadência capitalista".

Os homens que trabalhavam na oficina de eletricidade de Bruno receberam a sugestão de alistarem-se voluntariamente para prestar serviço no Exército Popular, que qualquer dia dêsses poderia receber ordem de atirar nos compatriotas alemães que fugissem. Bruno livrou-se disso, graças a um atestado médico que o dava como surdo de um ouvido, mas a ameaça ainda pairava sôbre êle. Guenther recebeu de um companheiro de trabalho, que se identificou como elemento da Polícia de Segurança, a recomendação de dar parte de qualquer pessoa que dissesse coisas subversivas e contrárias ao govêrno.

De três em três ou de quatro em quatro dias, dois Vopos batiam à noite na porta da rua da casa dos Beckers e verificavam os documentos de identificação de todos os moradores. Nessas ocasiões, um dêles ia invariavelmente examinar o rádio da

sala—para ver se fôra deixado sintonizado com alguma estação de Berlim Ocidental. Se isso acontecesse, os Beckers estariam sujeitos a prisão como "trânsfugas ideológicos".

A escassez de mantimentos tornou-se aguda. Faltava por tôda a parte carne, batata, manteiga, leite e verduras. Na verdade, os Beckers estavam em melhor situação do que muitos dos seus vizinhos, porque tinham uma horta bem cuidada e algumas árvores frutíferas. Mas gostavam, como quase todos os alemães, de fígado e toicinho defumado e não havia fígado em Berlim Oriental.

—É preciso reconhecer—disse Christel uma noite, sorrindo que Herr Ulbricht, o nosso ditador, realizou pelo menos um milagre: criou uma raça de animais sem fígado.

Mas as pilhérias diminuía à medida que se alongava a sombra do Muro. Nas fábricas e nas escolas circulavam petições pelas quais se recomendava a todos os operários e estudantes que se comprometessem, por si e por qualquer pessoa de suas famílias, a não aceitarem correspondência ou pacotes de víveres ou roupas procedentes do Ocidente.

Os boatos ainda eram piores do que os fatos e a dura experiência já havia ensinado aos habitantes de Berlim Oriental que os boatos mais desagradáveis sempre no fim se confirmavam. Dois boatos inquietaram particularmente os Beckers. O primeiro dizia que uma lei de recrutamento militar universal (posteriormente baixada) sujeitaria todos os

jovens válidos a prestar serviço nas forças armadas da Alemanha Oriental, o que decerto atingiria os homens da família. Com o segundo, afirmava-se que os residentes da fronteira seriam transferidos bem para o interior da Alemanha Oriental, ao mesmo tempo que tôdas as casas da fronteira seriam destruídas, e isso abrangeria a residência dos Beckers.

Articula-se o Plano

DEPOIS de concordarem em fazer mais uma tentativa de fuga através do arame farpado, os jovens Beckers resolveram finalmente executar o plano a 13 de janeiro de 1962. Era uma noite de sábado e dessa vez os Beckers não estavam sòzinhos.

Os primeiros que apareceram naquela tarde foram os Schwartzes*— Franz, um mecânico sensato de 50 anos, e Ilse, sua espôsa. Ambos, nos últimos tempos, quase não tinham pensado em nada senão em passar para o outro lado. Quando levantaram o Muro, Herr Schwartz perdera o bom emprêgo que tinha em Berlim Ocidental. Mais importante ainda era que duas das quatro filhas dos casal eram casadas e moravam em Berlim Ocidental, enquanto as duas mais môças, de 16 e 18 anos, atravessavam a fronteira diàriamente para cursar a escola do outro lado.

O Muro separara de repente as filhas mais môças da escola e das cole-

gas. Viram depois que não poderiam nem matricular-se numa escola de Berlim Oriental. Ouviam invariavelmente o seguinte: "Visto que dantes atravessavam a fronteira, agora terão de *provar* que são leais à República Democrática Popular indo trabalhar nas fábricas."

As duas môças não tinham a menor vontade de esperar o inevitável: designação para uma fábrica escolhida pelo govêrno. Disseram que queriam fugir, mas o pai se mostrara irredutível. Como Frau Becker, êle era de opinião que o Muro só podia ser um horror passageiro.

--Não é preciso ninguém arriscar a vida—dizia êle convicto.—Basta ter paciência.

Mas não é possível ter muita paciência aos 16 ou 18 anos. Sabendo que não podiam convencer os pais, as môças fizeram seus planos secretos. Depois do almoço no sábado, 16 de setembro de 1961, passaram sòzinhos pela fronteira. (O Muro estava erguido havia pouco mais de um mês e ainda existiam brechas na rêde de vigilância.)

Três dias depois, os Schwartzes receberam uma carta: as môças estavam morando em Berlim Ocidental com as irmãs casadas. Daí por diante, as quatro filhas subiam de vez em quando ao alto de um morro em Frohnau e davam adeus para a mãe. Frau Schwartz olhava-as de binóculo com os olhos empanados pelas lágrimas.

A princípio, Franz Schwartz ficou aborrecido com o fato de que as fi-

* À exceção das pessoas da família Becker, os nomes aqui referidos são todos fictícios, para evitar perseguições a parentes que ainda se encontram na Alemanha Oriental.

lhas o houvessem enganado e a sua espôsa. Mas os dias e as semanas foram passando, a vida atrás do Muro tornou-se cada vez mais dura e os Schwartzes resolveram fugir também.

Uma tarde, Herr Schwartz foi à casa dos Beckers para perguntar a Bruno se podia consertar um aparelho de televisão. Enquanto conversavam, Franz não tirava os olhos das janelas que davam para Frohnau.

—Estão aqui *precisamente* na fronteira. Já pensaram em passar para o outro lado?

—Talvez—respondeu Guenther.
—Por quê?

—Schwartz falou-lhes das suas intenções. Frau Becker sentiu a sinceridade na sua voz e instintivamente confiou nêle.

—Vamos fazer a tentativa no sábado à noite—disse ela.—Se quiser vir conosco, apareça para jantar com sua espôsa.

Logo depois do jantar naquele sábado, outro casal apareceu—os Alfred Muellers. Tinham ambos cêrca de 35 anos e traziam também a sua loura e rechonchuda filha de oito anos, Gisela. Ao contrário dos Schwartzes, os Muellers haviam resolvido passar para o Ocidente antes mesmo do Muro. Durante todo o mês de julho de 1961 haviam passado sapatos, roupas e outros artigos essenciais para o outro lado da fronteira, guardando tudo no escritório de Berlim Ocidental, onde Herr Mueller trabalhava como engenheiro de aquecimento.

Depois de fechados pelo Muro,

resolveram tentar a fuga o mais depressa possível. No ônibus que tomava todos os dias para o trabalho, Herr Mueller travara conhecimento com uma mocinha de grande vivacidade. Era Christel Becker. Quando soube que a casa dela ficava bem na fronteira, em Glienicke, apareceu por ali uma noite. Uma hora depois Frau Becker e os filhos haviam-no convidado a participar com a família da expedição da noite de sábado.

Segunda Tentativa

NAQUELA noite, as três famílias—Becker, Schwartz e Mueller—tomaram café e conversaram sôbre tudo menos sôbre o que lhes dominava os pensamentos até que escureceu completamente lá fora. Prestaram então tôda a atenção ao barulho dos passos dos Vopos que pareciam suceder-se com excessiva regularidade. De vez em quando, os Vopos acendiam as lanternas para as janelas, fazendo cessar imediatamente as conversas até que se restabelecia a tranqüilizadora escuridão.

Às 23 h e 45 m, os nervos de Frau Becker estavam a ponto de estourar.

—Há muito tempo que não ouço os Vopos—disse ela.—Talvez esteja na hora. Vou lá fora ver.

—Também vou—disse Herr Schwartz.

—Acho que ainda é muito cedo—advertiu Erwin.—Se quiserem vão olhar, mas tenham cuidado!

Frau Becker e Franz Schwartz saíram para o jardim. Tudo estava em silêncio. Mas de repente ouviu-se ao

longe, do lado esquerdo, som de vozes e ruídos de botas. Não havia tempo de correr para casa e êles não tinham explicação convincente para estarem do lado de fora, no escuro, exatamente ali na fronteira.

—Deite-se depressa—sussurrou Schwartz.

Estenderam-se no chão gelado atrás de um pinheiro e quis o acaso que os Vopos parassem a cêrca de três metros de distância. Durante meia hora pelo menos—Frau Becker pensa que foram duas horas—os Vopos discutiram o tempo, a hora em que deixariam o serviço e como a vida era melhor em Dresden. (A maior parte dos homens da polícia de fronteira é levada de outras regiões da Alemanha Oriental para evitar que tenham relações pessoais com os habitantes de Berlim.)

Quase sem respiração, Frau Becker e Herr Schwartz ficaram estendidos no jardim até que os Vopos finalmente se afastaram. Quando voltaram para casa, Frau Becker estava quase fora de si.

—Não conseguiremos *nunca!*—exclamava ela.

Fôra uma noite de susto e frustração. Tivêra, entretanto, um resultado positivo: os homens se haviam convencido de que a fuga pela superfície era impossível. Os jovens Beckers convidaram Herr Schwartz e Herr Mueller para descerem com êles ao porão. Ali Erwin apontou as moças que Bruno fizera na parede.

—É claro, um túnel!—exclamou imediatamente Herr Schwartz.

Os Beckers começaram então a falar do projeto com o maior entusiasmo e Schwartz ficou de acôrdo em atacá-lo sem demora. Tendo mentalidade mais técnica, Mueller se mostrou céptico. Falaram durante uma hora sôbre possibilidades técnicas e perigos. Por fim, Mueller disse calmamente:

—Muito bem, estou de acôrdo. Vamos começar na segunda de manhã?

—Perfeito—respondeu Erwin.—Faltaremos ao serviço por doença. Segunda, às sete horas, certo?

—*Jawohl.*

O Túnel

HERR MUELLER chegou à casa dos Beckers na segunda-feira antes de nascer o sol, levando uma broca elétrica, tomada por “empréstimo” da oficina onde trabalhava. Ao vê-la os olhos de Bruno brilharam. Com aquilo se poupariam muitas horas de estafante trabalho. Ligou-a no porão, escutou-lhe o zumbido e aplicou-a no ponto da parede já por êle trabalhado com a talhadeira. Houve, no mesmo instante, um barulho ensurdecedor. Bruno desligou imediatamente, murmurando:

—Uma barulheira como essa atrairia não só os Vopos, mas até o próprio Ulbricht.

A broca, portanto, foi abandonada, e durante o resto do dia os homens se revezaram no trabalho com o martelo e a talhadeira de Bruno.

Herr Schwartz se juntou ao grupo na quarta-feira e só trabalhava de manhã. (Para afastar suspeitas, não

queria ainda faltar, sob pretexto de doença, ao seu emprêgo regular, que só lhe exigia a presença à tarde.) Já então os outros se haviam munido de martelos, pás e picaretas—levados para a casa escondidos sob os capotes.

Viram dentro em breve que a parede do porão, construída em fins do século XIX, tinha 60 centímetros de espessura e era tôda de tijolos vidrados. Trabalhando em turnos de duas pessoas, com os olhos e os pulmões cheios de pó de pedra, levaram três dias para fazer uma abertura de 1,20 m de altura e 60 centímetros de largura. Procuravam fazê-lo bem grande no comêço, porque suspeitavam que, apesar das suas ambições, o túnel inevitavelmente ficaria menor quanto mais perto êles estivessem da liberdade.

Por volta das 17 horas da quarta-feira haviam rompido a parede do porão e chegado à areia e ao barro de fora. Daí por diante o trabalho avançou com animadora rapidez.

Era preciso, porém, resolver dificuldades novas. Primeiro: o problema de remoção da terra. Guenther sugeriu uma solução simples: jogar a terra dentro de um poço abandonado no jardim. Os outros vetaram a idéia. Os Vopos poderiam perceber e, além disso, seria preciso gastar muito tempo e energia para levar os destroços pela escada e para o lado de fora. O que fizeram foi arrumar compartimentos improvisados como as tulhas de carvão de outros tempos e empilhar a terra ali mesmo no porão. (No fim, só havia uma passagem

estreita como entre os bancos de uma igreja, que ia dar na bôca do túnel.)

Segundo: a necessidade de luz. O túnel já estava bem escuro e os dois que trabalhavam mais na frente quase nada podiam enxergar. Sendo electricista, Bruno resolveu o caso, instalando no túnel um fio puxado de uma tomada, ao qual se iam acrescentando lâmpadas com espaço de pouco mais de dois metros à medida que a escavação prosseguia.

Terceiro: quanto mais se cavava mais terra havia e mais difícil era removê-la. Ainda a três metros do porão, perdia-se tempo e esgotava-se a paciência de retirar a terra à mão. Êsse problema foi resolvido pelos gêmeos Guenther e Bruno. Arranjaram uma caixa quadrada de 60 centímetros de largura e 30 centímetros de altura, na qual abriram em lados opostos orifícios a que amarraram cordas bem compridas. Os que estavam dentro do túnel cavando enchiam a caixa e avisavam sem altear a voz: “Cheia.” Os que esperavam no porão puxavam a caixa para fora e esvaziavam a terra nos compartimentos. Os trabalhos se realizavam horas a fio em virtual silêncio, apenas interrompido pela respiração ofegante dos homens e pelo ruído surdo das pás na areia.

Na sexta-feira, 19 de janeiro, já haviam passado a primeira cêrca de arame farpado e estavam em ponto bem perigoso, exatamente sob a estrada que forma a fronteira. A apenas um metro da pavimentação, os homens que cavavam podiam ouvir

os passos e até as vozes dos Vopos.

—Se nós podemos ouvi-los, por que êles não podem ouvir-nos também?—perguntou Guenther, durante uma pausa para tomar um copo de cerveja.

—É um risco que temos de correr—disse Mueller, sombriamente.—Devemos trabalhar no maior silêncio possível.

Bruno acabou a sua cerveja e disse:

—*Nein*, há coisa melhor do que isso. Podemos utilizar as luzes do túnel como sinal. Vou fazer uma ligação com um interruptor no andar de cima. Gerda ficará na janela de vigia. Tôdas as vêzes que vir os Vopos aproximarem-se, desligará as luzes e nós pararemos de trabalhar até que os homens se vão embora.

Assim ficou Gerda de vigia à janela. Daí por diante, de manhã à noite, observava a fronteira e ligava ou desligava as luzes conforme os Vopos chegavam ou se afastavam. Em geral as interrupções eram de um ou dois minutos, mas houve uma ocasião em que ela teve de deixar os escavadores um pouco mais no escuro, pois dois jovens Vopos pararam e falaram com ela:

—Que é que está fazendo aí?

—Estou pensando nos deveres da escola que tenho de fazer—respondeu Gerda, com o coração descompassado.

Um dos Vopos riu.

—Quando eu sair do serviço, virei fazer os deveres com você—disse êle, e acrescentou, dando uma cotovelada no companheiro:—E meu amigo também. Que tal?

—Venham, que eu darei parte de vocês ao comandante—replicou Gerda calmamente.

—Oh, ela é dessas . . .—murmurou o primeiro Vopo.

E os dois homens continuaram a sua marcha pela estrada da fronteira, enquanto Gerda, com um suspiro de alívio, ligava de nôvo as luzes.

A Três Metros da Liberdade

O INTERIOR do túnel era quente, sujo e o trabalho exaustivo. Felizmente, até então não houvera desmoronamentos. A entrada do túnel fôra reforçada no alto com tábuas, mas não se julgara necessário assim proceder sob as fundações da estrada. Ainda assim, havia uma freqüente infiltração de gôtas da neve derretida e isso despertava dúvida quanto à resistência do túnel.

Foi então que no sábado, 20 de janeiro, quando Bruno estava cavando, uma avalanche de areia de repente se despejou em cima dêle e um pedaço de pau bateu-lhe na cabeça. As luzes se acendiam e apagavam sem parar.

Pouco depois Bruno ouviu no porão a voz de Gerda:

—Pelo amor de Deus, tomem alguma providência rápida! Um dos paus da cêrca afundou e o arame farpado está caído. Os Vopos vão ver tudo no momento em que chegarem.

Bruno avaliou prontamente a situação e disse:

—Volte para a janela e dê duas piscadelas com a luz quando a cêrca voltar ao seu aspecto normal.

Agarrou o pau da cêrca e foi empurrando-o lentamente para cima até que Gerda deu duas piscadelas com a luz. Chamou, então, Guenther:

—Faça uma boa escora para êste pau. Vamos contorná-lo.

Na segunda-feira, 22 de janeiro, parecia iminente o fim do trabalho. Herr Schwartz comunicou que também havia pedido licença no trabalho para tratamento de saúde e estava livre para trabalhar o tempo todo. Com isso aumentou para cinco o número de pessoas que cavavam e o ritmo se acelerou. Naquele mesmo dia, os homens calcularam que já haviam chegado ao Ocidente.

Combinaram empurrar uma vara para cima no fim do túnel. Gerda daria uma piscadela se a vara fôsse sair do lado do Ocidente; duas, se ainda estivesse em Berlim Oriental.

Bruno e Guenther introduziram a vara e ficaram à espera. As luzes continuaram acesas por um instante. Depois piscaram duas vêzes. Os rapazes puxaram mais que depressa a vara e saíram do túnel para conversar com Gerda.

Mal podendo respirar, ela explicou:

—Ainda estão uns três metros dentro da fronteira. Dois Vopos estavam chegando. Vocês puxaram aquela vara bem na hora.

Os homens voltaram imediatamente para atacar os três metros que faltavam. Quando encerraram o trabalho naquela noite, disseram exultantes que tinham certeza de que

poderiam chegar no dia seguinte a Berlim Ocidental.

O Último Dia

AQUELA última têrça-feira ainda é hoje na lembrança de Frau Becker um calidoscópio de impressões que parecem pedaços de pesadelo. Sentia o sangue gelar nas veias à simples idéia de que o túnel estava pronto, no temor do que lhes aconteceria a todos se o descobrissem. Depois, com espanto, viu a casa começar a encher-se de inesperados hóspedes.

Os primeiros que chegaram foram um polido cavalheiro de cabeça branca, sua espôsa de 71 anos e outra mulher apenas alguns anos mais môça. Frau Becker nunca os vira.

—Herr Mueller teve a gentileza de convidar minha mulher e a mim —explicou o homem—e nós tomamos a liberdade de trazer também Frau Zeller. Ela é viúva e tem duas filhas casadas com os nossos dois filhos, que vivem em Berlim Ocidental. Não poderíamos ir sem ela. Compreende?

—É claro—admitiu Frau Becker, forçando a voz a manter-se calma. —Façam o favor de entrar.

Nas poucas horas seguintes, Frau Becker viu na casa uma confusa sucessão de estranhos e amigos. Entre essas pessoas estava Hilda, de 19 anos, uma môça cheia de corpo e de voz suave que havia alguns meses aparecia muito na casa. Enquanto se cavava o túnel, muitas vêzes ajudara a escovar as roupas dos homens e a examinar-lhes bem a aparência

antes de saírem da casa. Frau Becker pensava que Bruno andava de namôro com ela, mas Bruno anunciou naquela noite que estavam noivos.

Ainda mais surpreendente foi a chegada de uma môça alta, de olhos azuis, a quem Guenther apresentou como sua namorada. (Nunca havia dito nada à família sôbre ela.)

Christel saíra de casa depois do almoço. Os irmãos teriam ficado furiosos se soubessem que fôra convidar várias amigas suas para acompanhá-los na aventura daquela noite. Mas o instinto de Christel era seguro: ninguém denunciou os Beckers —nem mesmo as poucas pessoas que não aceitaram o convite.

Frau Becker enfrentou o momento mais aflitivo às 20 horas, quando tocaram a campainha da porta. Frau Schwartz foi ver quem era e voltou, dizendo:

—Uma senhora a procura... uma senhora muito gorda.

—Meu Deus—murmurou Frau Becker consigo mesma.

Sabia que era Frau Krauss, uma amiga e vizinha. Quisera muito convidá-la para passar pelo túnel, mas Frau Krauss era uma mulher excessivamente corpulenta e o marido dela era asmático.

—Êle poderá ter um ataque e ela nunca poderia passar pela saída do outro lado—disseram os rapazes.

Por isso, não haviam dito a Frau Krauss sôbre o túnel e naquele momento, com a casa cheia de pessoas estranhas, Frau Becker não podia nem convidar a amiga a entrar.

Chegou lentamente até à porta:

—*Liebe* Frau Krauss...

—Eu ia passando e resolvi entrar um instante.

—Muito obrigada! Mas desculpe, eu... estou com uma tremenda dor de cabeça e ia agora mesmo para a cama.

Mas Frau Becker não podia despedir-se assim.

—Tenha a bondade de esperar um instante.

Ditas estas palavras, Frau Becker voltou à sala e apanhou a Bíblia que fôra de sua mãe, levando-a depois para a porta.

—Há muito que tenciono dar-lhe isto—disse ela.—Uma vez me falou que a sua Bíblia da família se perdera no bombardeio de sua casa...

Com receio de não poder mais conter as lágrimas, beijou Frau Krauss nas duas faces.

—Durma bem.

Frau Krauss agradeceu e se afastou dentro da escuridão.*

Os Momentos Finais

Às 22 H E 30 M havia 28 pessoas espalhadas pela casa dos Beckers. Tôdas as luzes estavam apagadas. Esperavam todos em silêncio, absorvidos em pensamentos sôbre o passado e o futuro.

No porão, tôda a atenção se concentrava numa nova dificuldade.

* Menos de quatro meses depois Frau Krauss, o marido e mais dez pessoas fugiram por um túnel cavado no porão da casa dos Krauss, também situada na fronteira, a uma centena de metros da casa dos Beckers.

Quando se escavava para cima, a fim de sair na superfície, deparara-se com um cano de cimento armado de 1,20 m de circunferência. Mueller, o engenheiro, examinou-o de baixo e chegou à conclusão de que por ali passavam os cabos telefônicos. O problema era saber se era preciso cavar ainda mais para passar por baixo do cano ou continuar a cavar verticalmente naquele ponto, com o risco de ainda ir sair na Zona Oriental:

—Qual o tempo que calcula necessário para passarmos por baixo? —perguntou Erwin.

—Mais 24 horas.

—Sou da opinião que devemos arriscar-nos e cavar diretamente para cima—declarou Erwin.

—De acôrdo—disse Mueller.

Bruno e Guenther trataram de cavar verticalmente e começaram a encontrar raízes de árvores e arbustos.

—Vão buscar a tesoura de podar—disse Bruno, num sussurro.

Quarenta e cinco minutos depois—pouco antes de uma hora da madrugada da quarta-feira, 24 de janeiro—Bruno chegou à superfície.

Bruno e Guenther voltaram ao porão.

—Vamos embora—disse calmamente o primeiro.

Herr Mueller observou, porém, ponderadamente:

—Esperem um pouco. Quando sairmos lá, precisaremos de alguma proteção. Os Vopos poderiam ouvir alguma coisa e começar a atirar.

Sugiro que alguém vá na frente para conseguir que a polícia de Berlim Ocidental monte guarda à saída.

—Boa idéia—aprovou Bruno.— Quem irá?

Guenther apontou para Mueller e disse:

—O senhor.

Mueller acenou com a cabeça e se encaminhou para a boca do túnel.

Fuga

BRUNO subiu e deu a notícia à mãe num sussurro.

—Muito bem—disse ela.—Diga aos outros e peça a Gerda e a Christel para irem junto comigo.

Frau Becker desceu para o porão com as duas filhas ao lado. Os outros seguiam-nas em silêncio. Bruno foi o primeiro a entrar no túnel.

—Vou mostrar o caminho—disse.

Dez pessoas estavam em silêncio dentro do túnel e 17 esperavam no porão—tôdas as mulheres com os seus vestidos domingueiros—quando Herr Mueller passou com esforço pela subida e chegou à abertura do túnel. Descobriu com horror que tinham ido dar bem debaixo da cêrca de estacas. Estavam ainda a um metro dos pequenos postes que marcavam o início verdadeiro do Ocidente. Ainda estavam tècnica-mente dentro da Zona Oriental e, tènicamente, os Vopos tinham o direito de atirar nêles.

Ouviu então na estrada os passos dos Vopos que se aproximavam.

—Silêncio!—disse êle, bem baixinho, a Bruno.—Lá vêm êles.

—Silêncio—disse Bruno à mãe e o aviso foi transmitido à fila toda.

Quase sem respirar, Herr Mueller ficou estendido nas moitas enquanto os dois Vopos passavam. Dentro do túnel, Frau Becker e os outros ficaram escutando os sinistros passos um metro acima das suas cabeças.

Naqueles últimos e intoleráveis momentos de tensão, os pensamentos de muitos dos refugiados se voltaram estranhamente para fatos da vida de todos os dias. Christel pensou em Peter, seu gato de estimação. Não conseguira encontrá-lo naquela noite e deixara uma nota com algum dinheiro, pedindo a qualquer pessoa que tomasse conta d'ê. Naquele momento pensava: "Quem ficará com Peter?" Erwin pensava: "Estou contente. A última coisa que fiz foi subir e despedaçar à faca a nossa árvore-da-goma-elástica. Por que ia deixá-la para *êles*?" Frau Becker pensava em Frau Krauss: "Que Deus me perdoe e que Frau Krauss possa perdoar-me amanhã."

Por fim, os Vopos foram embora e Herr Mueller disse baixinho a Bruno:

—Pronto. Já vou.

Ficaram à espera dentro da sufocante escuridão, enquanto êle subia o morro de Frohnau, andava quase um quilômetro pelo caminho e ia bater na primeira casa que encontrou. Já era 1 h e 15 m da manhã. Por fim, uma luz se acendeu e um homem indignado abriu a porta.

—Que é que...

Mueller contou pelo alto a história do túnel e perguntou:

—O senhor tem telefone aqui?

—Tenho, sim, o único num raio de quase dois quilômetros. Teve sorte. Pode entrar.

Meia hora depois Mueller estava de volta à entrada do túnel com três policiais armados de Berlim Ocidental. Cada qual tinha uma lanterna pronta para ser acesa a fim de revelar-lhe a presença e a das suas armas caso os Vopos tentassem qualquer coisa.

Depois de subirem, os refugiados iam saindo, sujos, ofegantes e trêmulos. Primeiro Bruno. Depois Gerda.

—É mamãe agora—sussurrou ela para Bruno.

Filha e filho se curvaram para a entrada, seguraram os braços da mãe e puxaram-na delicadamente para fora.

Dispensando ajuda, Christel saiu sozinho, murmurando:

—Isto não é nada.

Mas a espera no túnel afetara os nervos de todos e, um momento depois, ela se estendeu ao lado da mãe na relva congelada, olhando para as estrêlas e murmurando repetidamente:

—Obrigada, Deus. Muito obrigada.

No porão silencioso dos Beckers, os que esperavam foram rastejando um a um pelo túnel, à medida que êste se esvaziava do outro lado. Frau Mueller amarrou um boneco de Bambi à cintura da filhinha de oito anos.

—Coragem, menina—disse ela num murmúrio.

Gisela ficou encantada ao descobrir que podia ficar de pé e andar no comêço do túnel, mas, dentro em pouco, teve também de rastejar com os outros.

Iam chegando com uma precisão humana ou, talvez, militar. Frau Schwartz avistou uma farda à fraca luz da Lua, pensou que era um Vopo e tornou a esconder-se dentro do túnel. Mas seu marido, com a confiança do desespêro, tranqüilizou-a e o polícia de Berlim Ocidental ajudou-a a sair.

A última pessoa que atravessou a estreita passagem de 27 metros foi a avó de 71 anos, que fêz questão de que o marido fôsse à frente dela. "Foi você sempre quem me guiou, *Geliebter*." Perdeu um sapato no meio do túnel e, quando tentava sair no outro lado, desmaiou. O marido e um policial tiraram-na cuidadosamente. Um momento depois, estava deitada ao lado de Frau Becker.

—Sabe que aquêle policial pensou que eu tivesse desmaiado?—exclamou ela.—Que coisa mais ridícula!

O túnel Becker, escavado num misto de desespêro e esperança, estava afinal vazio. Por êle 28 homens, mulheres e crianças haviam passado da tirania para a liberdade na maior



fuga coletiva desde a construção do Muro.

Último Olhar

OS REFUGIADOS passaram alguns dias no Campo de Refugiados de Marienfelde, em Berlim Ocidental, antes de partirem para as suas novas residências em Berlim Ocidental, Dortmund, Hamburgo, Munique e outras cidades da Alemanha Livre.

Uma semana depois, Gerda e Christel voltaram ao morro coberto de neve de Frohnau, que ficava defronte da casa onde haviam morado. Desceram o morro e olharam a boca do túnel, já meio soterrado e certamente bloqueado do outro lado.

—É tão pequeno!—disse Christel numa voz ainda amedrontada.—Não sei como conseguimos passar.

Mas nesse momento apareceu o inevitável par de Vopos e o espírito irreprimível da adolescência em Christel não pôde deixar de manifestar-se.

—Por que não passam para cá vocês dois?—gritou ela.—Sabem perfeitamente que iam gostar muito mais daqui!

Com os olhos firmemente para a frente, os Vopos continuaram a sua marcha e as duas môças ficaram

sòzinhas. Do outro lado da fronteira e do arame farpado, a sua antiga casa parecia vazia e abandonada.

—Peter—disse Christel, chamando o gato.—*Komm*, Peter. Venha.

Mas Peter não apareceu e Gerda passou o braço pelo ombro de Christel, dizendo:

—Vamos, Christel. Essa vida está encerrada.

E as duas môças subiram de nôvo o morro, rumo às suas vidas novas.



LEMBRE-SE do que o sargento disse ao recruta: “É melhor você ficar satisfeito, meu velho... aqui ninguém liga se você não ficar.”

—Ralph Ricketts, *We Are Happy* (Darton, Longman & Todd, ed.)



Legendas de Caricaturas

MÔÇA ao namorado, depois de escolher o anel de noivado: “Que romântico! Nossa *primeira* prestação!” —Reamer Keller, *Cartoons-of-the-Month*

EMPREGADO da livraria para a mulher indecisa sôbre se comprava ou não um livro muito popular no momento: “Lembre-se—a senhora está economizando Cr\$ 99.999,20, comparado com o que a Metro pagou por êle.”

—Bernhardt, em *The Christian Science Monitor*

MULHER vendo as crianças agrupadas em volta da escrivaninha do marido: “Acho que elas têm tôda a razão em não deixar ligar a televisão antes de você terminar os deveres que elas trouxeram para casa.”

—Lichty, *Sun-Times*, Daily News Syndicate

ADOLESCENTE a uma amiga, na sapataria: “É uma escolha difícil—preciso de uns sapatos que me façam chegar até ao ombro de Roger, mas não acima da cabeça de Herbie.” —Kate Osann, *Newspaper Enterprise Assn.*

MULHER ao marido consternado diante do aviso de “sem fundos” do banco: “Não te queria preocupar—foi *por isso* que não anotei nada no livro de cheques.”

—Don Tobin, *King Features*

O PAI, a respeito do filho adolescente: “Freddie está nessa idade incômoda—muito velho para apanhar e muito criança para ser psicanalisado.”

—Jack Tippit, *King Features*